

JORNAL JUNTOS

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 11 / Nº 40
MAR - ABR 2021

**NEM
VÍRUS**



**NEM
FOME**

VACINA PARA TODOS JÁ!

#FORABOLSONARO / #IMPEACHMENTJÁ!

**EM MEMÓRIA DAS
QUASE 400 MIL
VÍTIMAS DO COVID-19
E DA POLÍTICA
GENOCIDA DE
BOLSONARO NO
BRASIL!**



EXPEDIENTE

EDITORIAL

CAMILA SOUZA
JOÃO PEDRO DE PAULA
SARA SOARES

DIAGRAMAÇÃO

ERICK ANDRADE

CAPA

CAROL VILAR
ERICK ANDRADE

COLABORADORES

ANA BORGUIN
BRUNO ZAIDAN
CAIQUE BELCHIOR
FABIANA AMORIM
KATHLEEN MAGINA
LETÍCIA CATU
MARAYA MELO
PATRICK VEIGA
RALF MT
TARSILA AMORAS
THEO LOUZADA

Acompanhe o Juntos
nas Redes Sociais!



SUMÁRIO

5 EDITORIAL

7 ESTUDANTES PELA SAÚDE:
QUEBRA DAS PATENTES JÁ!

11 ILUSTRAÇÃO DE ANA BORGUIN

14 GRANDE MÍDIA E MOVIMENTOS
SOCIAIS: UM DEBATE NECESSÁRIO

16 AS ROSAS DA RESISTÊNCIA
NASCEM DO ASFALTO: JUSTIÇA
PARA MARIELLE!

19 DERROTAR BOLSONARO
HOJE É SALVAR VIDAS: POR UM
MOVIMENTO ESTUDANTIL
ATIVO E COMBATIVO!

23 AMERICA LATINA: NOSSA
BANDEIRA DA ESPERANÇA!

27 O PARTIDO E A
ESPONTANEIDADE DAS MASSAS
EM ROSA LUXEMBURGO

33 ENTREVISTA COM RALF MT
SOBRE A LUTA DOS
ENTREGADORES



EDITO RIAL

Por

Sara Soares e João Pedro,
do GTN do Juntos!

Estamos hoje em um dos piores momentos da história do Brasil com a gestão negacionista de Bolsonaro. O capitalismo mundial passa por uma crise sanitária, econômica e social, ao ritmo em que o número de bilionários aumentou no último ano, sendo certo que aqueles que pagam a conta seguem sendo os mais pobres. O aumento da desigualdade, índices crescentes de insegurança alimentar, um baixíssimo auxílio emergencial que atende ainda menos pessoas que o anterior, grandes taxas de desemprego, uma agenda de privatizações e cortes, a falta de doses de vacina e de um planejamento eficaz de vacinação:

temos uma política de genocídio direcionada ao povo pobre, a juventude, aos povos racializados, às mulheres e às LGBTQI+, aqueles que mais sofrem com os serviços públicos sucateados e que vivem à deriva da contaminação. Quantos mais tem que morrer para Bolsonaro ser impeachmado?

A educação que já sofre com dificuldade de funcionamento com o orçamento anteriormente disponível, por sua vez, sofreu um grande golpe com a redução ainda maior do orçamento da União para este ano. A diminuição de investimento na garantia de funcionamento das escolas públicas, universidades, institutos federais e nas pesquisas, se deram para garantir aos parlamentares renda para as suas emendas prometidas nas eleições, demonstrando a prioridade dos de cima e a falência deste sistema político em que o Estado serve aos ricos e à casta política privilegiada. As políticas de permanência são duramente afetadas com esse corte, cenário perfeito para a evasão das escolas e universidades, acompanhado do plano de privatização da educação pública, após o ENEM mais injusto da história que dificultou e elitizou o acesso ao conhecimento e à graduação.

Com um país desgovernado, à medida que a dura realidade se impõe, Bolsonaro encontra menos espaço com seu negacionismo e tenta se rearticular aumentando sua ofensiva autoritária contra os direitos democráticos. Essa movimentação já não consegue fluir tão bem nem no andar de cima, que orchestra fundamentalmente ataques liberais. Menos ainda no andar de baixo, das pessoas que estão cada vez mais cientes de que estão pagando essa crise com a própria vida e com a vida de seus familiares. Bolsonaro enfrenta hoje seu maior índice de rejeição do governo.

Não podemos, porém, acreditar que o governo cairá de podre, tão pouco que seu declínio é permanente até 2022. A nossa urgência é derrotar Bolsonaro hoje. Para não retroceder, precisamos avançar. O nosso comprometimento número um deve ser a luta imediata pelo impeachment e por condições de sobrevivência dos nossos, por vacinação, por uma política de renda, por investimentos na educação. Construindo a mobilização permanente em conjunto com os estudantes, tomando medidas de solidariedade, nas campanhas de arrecadação e

distribuição de alimentos e de cestas básicas e fomentando o desgaste do governo.

Ainda que as redes sigam sendo espaços necessários de disputa de ideias, são as grandes mobilizações nas ruas que garantem as vitórias, assim como demonstraram os irmãos dos países vizinhos. Tem que ser nas ruas o nosso principal espaço de batalha, assim que possível, e a certeza é que novas mobilizações nascerão, tal como demonstramos nos levantes antifascistas e antirracistas, no breque dos apps! Nossa saída é na auto organização. Organize a sua indignação! Se eles combinaram de nos matar, nós combinamos de não morrer: façamos nós por nós. Esperamos que a leitura do Jornal auxilie na fomentação dos debates e no avanço de nossas lutas!

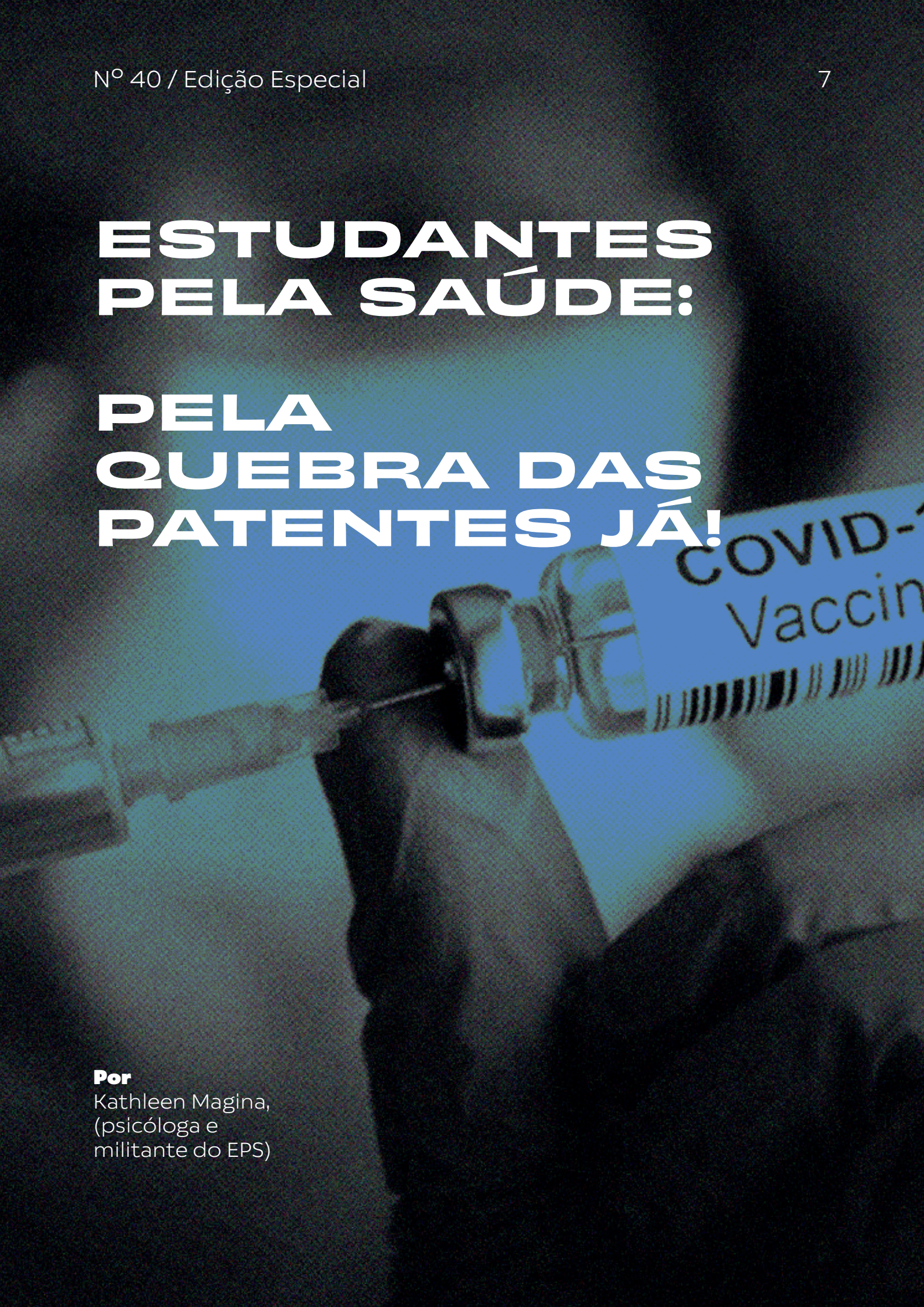
Ahhh, e vem aí: o Juntos! completa 10 anos em julho. Sim, uma década colocando a indignação da juventude em movimento por uma sociedade radicalmente diferente! Para que o amanhã não seja só um ontem com um novo nome! Fiquem ligados, em meio as lutas de 2021, vamos relembrar momentos históricos e comemorar o grande aniversário do nosso coletivo!

**ESTUDANTES
PELA SAÚDE:**

**PELA
QUEBRA DAS
PATENTES JÁ!**

Por

Kathleen Magina,
(psicóloga e
militante do EPS)



O mundo vive uma das mais profundas crises sanitárias, econômicas e sociais da história. No Brasil, ela se agravou não pela falta de governo, mas por um que legitima uma política de decidir sobre quem deve viver e quem morre ao descredibilizar a ciência, o isolamento social, a compra de vacinas e reduzir o valor do auxílio emergencial destinado à população mais vulnerabilizada. Como o epicentro da pandemia, já acumulamos mais de 380 mil mortes, 3 mil mortes na média diária, 19 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar e que passam fome. Além da projeção de ser o país a ocupar o 14º lugar entre os que têm o maior número de desempregados.

Contudo, é nesse momento tão conturbado que o SUS e os profissionais de saúde se tornam atores estratégicos. É preciso lembrar que mesmo dentro de um contexto tão precarizado temos um sistema de saúde que permite a possibilidade de que toda a população tenha acesso a esse direito universal de forma gratuita. E que sua existência é resultado de uma luta histórica dos movimentos sociais, dos trabalhadores e trabalhadoras, dos estudantes e usuários.

Por isso que nossa tarefa enquanto movimento estudantil é fazer com que a indignação que esse cenário nos traz se torne combustível. Assim surge o Estudantes pela Saúde (EPS), inicialmente no Rio de Janeiro, mas se tornando uma experiência que vem se espalhando por todo o Brasil. Entendendo que a luta e a defesa do SUS estão atreladas a um debate e ações que sejam construídas dentro dos cursos técnicos e nas universidades, conectando o movimento estudantil com a luta geral da saúde.

Como na luta pela garantia da vacinação e Equipamentos de Proteção Individual para estagiários e residentes de saúde que estão em atuação nesse momento. A morte do interno em medicina da UESPI, Marcio Pereira de Souza, e da estagiária em enfermagem, Letícia Rocha Camargo, ambos estudantes da Universidade de Vassouras, não podem ser banalizadas. Nosso papel também enquanto Estudantes pela Saúde é a organização dos cursos, nas entidades de base e geral e executivas de curso pelas condições dignas nas atividades presenciais.

A saúde é atravessada por determinantes sociais que envolvem não apenas a ausência de doen-

ças, mas também o acesso à cultura, lazer, alimentação, habitação, etc. Ou seja, a saúde que defendemos envolve elementos que propiciam uma condição de bem estar social e que, para boa parte da população, está sendo negada.

A única saída para a diminuição dos casos e mortes por Covid-19 é a vacinação em massa. A aquisição e distribuição de vacinas para todas e todos através do nosso Sistema Único de Saúde, o SUS, como sendo nossa maior medida sanitária. A compra de vacina pelo setor privado, reforça a visão da saúde como um produto. A fila dupla proposta através do PL 948/21 não é uma medida de saúde, mas sim uma tentativa dos poderosos de decidir o preço das vidas.

Dessa forma, a garantia de um plano de imunização passa pela defesa da quebra das patentes, ou seja, da quebra da propriedade intelectual sobre as vacinas enquanto durar a pandemia de Covid-19. E o que isso quer dizer na prática? Representa a possibilidade de traçar estratégias nacionais e acordos internacionais para produção de vacinas e medicamentos, ao compreendermos as vacinas como um direito de todos e não apenas

uma propriedade usada exclusivamente para o lucro de alguns.

Se a pandemia é um problema mundial, assim também é a vacinação. Pois, se um país como atualmente é o Brasil, com um descontrole da doença tão grande ao ponto de criar mutações do vírus, coloca em risco os imunizantes já existentes e afeta os demais países. A imunização até agora tem sido mais uma prova de como o capitalismo se organiza para que os países mais ricos criem uma situação de dependência com os países mais pobres. A Organização Mundial da Saúde estima que 82% da população dos países ricos foram vacinadas, enquanto nos países pobres apenas 0,2% da população.

Dessa forma, as patentes nessa situação têm servido para manter o controle dos grandes monopólios das indústrias farmacêuticas, mesmo tendo em conta que na maior parte do mundo e no Brasil, as pesquisas são desenvolvidas por universidades e instituições públicas, como o Butantan e a Fiocruz. A defesa da propriedade (e portanto, do lucro) dos monopólios em um momento de emergência global se torna inviável quando se considera o aumento

profundo da desigualdade que a pandemia ocasionou.

As patentes nessa situação têm servido para manter o controle dos grandes monopólios das indústrias farmacêuticas, mesmo tendo em conta que na maior parte do mundo e no Brasil, as pesquisas são desenvolvidas por universidades e instituições públicas,

Nesse sentido, vai a proposta apresentada na Organização Mundial do Comércio pela Índia e África do Sul. O Brasil é o único até então do grupo dos países em desenvolvimento a se omitir. O que tem sido defendido pelos que querem conciliar com as empresas da indústria farmacêutica é que aqui não teríamos a capacidade de produzir a vacina por não possuímos tecnologia suficiente. Porém, sendo um acordo internacional, países como Índia e China, que possuem meios para produção, com

a quebra do licenciamento, poderiam produzir a vacina de forma a torná-la mais barata favorecendo a negociação e compra a custos reduzidos entre esses países.

A construção de um calendário de lutas do movimento estudantil passa pela necessidade de afirmar que a vacina para todos só será possível pela quebra das patentes. Em cada local em que o Juntos está presente, temos que usar o Estudantes pela Saúde (EPS) como nossa ferramenta de mobilização e organização na luta pela vacina. Através da construção de manifesto com abaixo-assinados, lives, aulas públicas, calouradas, reuniões organizadas por alunos em seus cursos. Assim como em ações simbólicas nas ruas. Pautando tanto por uma posição internacional do Brasil na OMC, como também para que o PL 1462 seja aprovado para a quebra temporária das patentes neste momento emergencial.

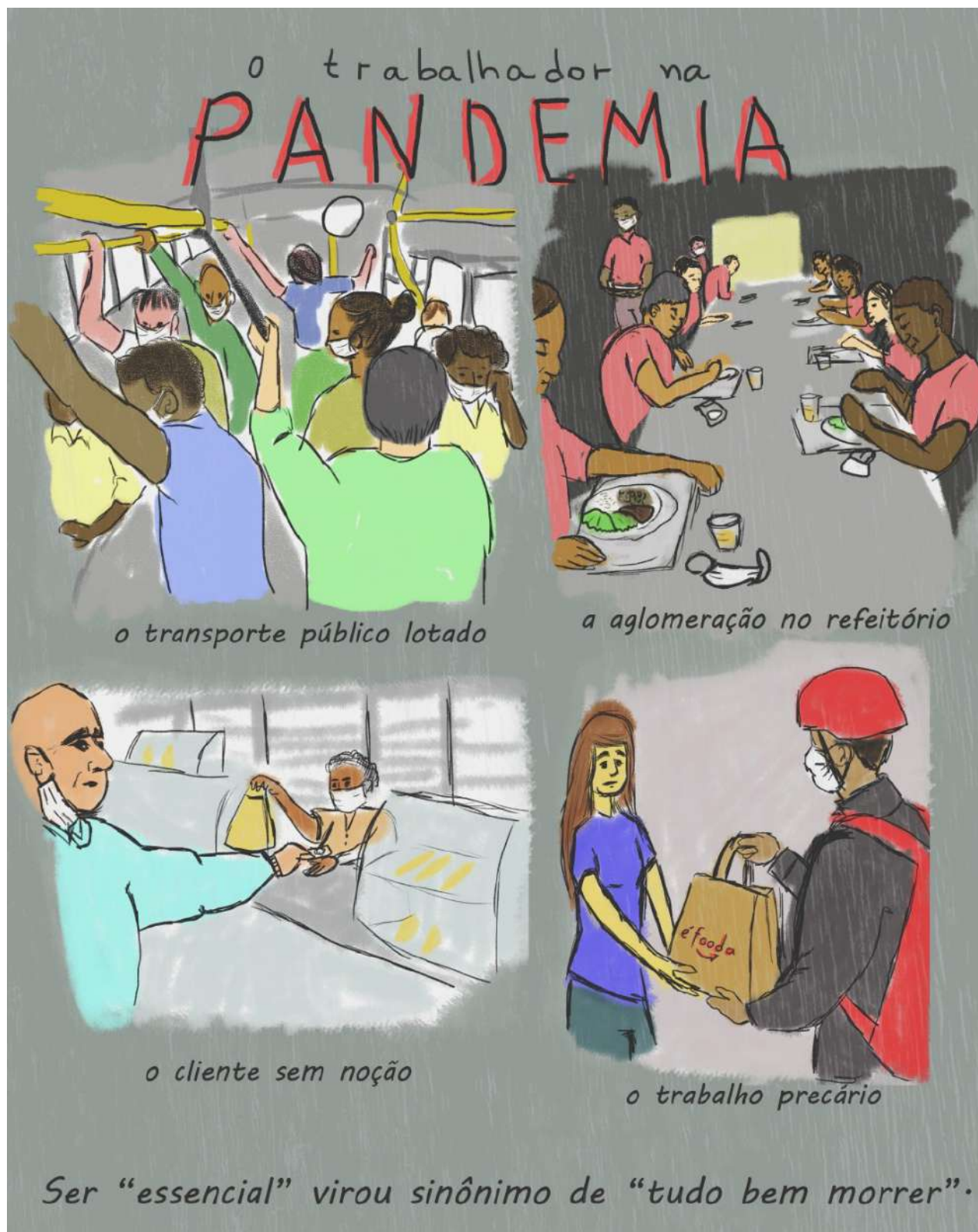
É na pandemia que surge o EPS, mas esse é só o começo da construção de um movimento estudantil com potência e capacidade de ter um papel estratégico no país na luta por uma saúde pública cada vez mais abrangente e com mais qualidade!

ILUSTRAÇÃO

Por

Ana Borguin (metroviária e
militante sindical em SP)

**"Depois de um ano de
pandemia como
trabalhadora essencial é
difícil manter algum
otimismo. O cansaço, o
medo e a tristeza ficam
cada vez mais presentes.
Desenhar foi uma forma
de me distrair, suportar
tudo e representar um
pouco da rotina do
trabalhador que nunca
pode ter o direito de
fazer quarentena."**





GRANDE MÍDIA E MOVIMENTOS SOCIAIS: UM DEBATE NECESSÁRIO

Por

Caique Belchior (DCE UFMG) e
Maraya Melo (GTN Juntos!)

Os primeiros meses de 2021, além do agravamento da crise da pandemia do COVID-19, também estão sendo marcados por intensos debates nas mídias sociais a respeito do Big Brother Brasil. Embora tenhamos a convicção de que o programa não retrata diretamente o “mundo real”, é relevante fazermos algumas análises a partir dele, já que se trata do maior reality show do país, com uma das maiores audiências. Neste ano, a Rede Globo escalou um elenco de participantes composto por quase metade de pessoas negras, algo inédito até então. Logo no início da temporada, somos apresentados a diversas discussões en-

volvendo a denominada “cultura do cancelamento”, questões de gênero e sexualidade e, principalmente, a pauta racial.

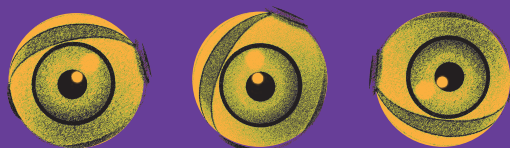
É necessário que se reforce o discurso de que nem todas as pessoas negras devem ter as mesmas visões sobre os movimentos sociais, tendo em vista que somos diversos, assim como todo povo deve ser. Porém, diante do palco montado pela Rede Globo, foi crescente a onda de revoltas pela “militância errada”, o que colocou alguns participantes negros como os vilões da edição, atingindo recordes de rejeição impressionantes.

A dinâmica que se estabeleceu dentro da casa pode nos levar a diversas reflexões que são úteis para entender a relação da grande mídia com os movimentos sociais. Sem dúvida, nos últimos anos, pudemos perceber uma ascensão das lutas democráticas nas ruas que reivindicam, entre diversas pautas, a igualdade de gênero, uma sexualidade livre e o fim da estrutura racista. Esse movimento radicalmente democrático encontra na juventude seu principal alicerce, como agentes de transformação social. Em uma contrapartida reacionária, as grandes empresas se veem desafiadas a cooptar e a controlar os movimentos sociais, para que não sejam capazes de atingir um ponto de radicalidade que, de forma definitiva, coloque em cheque os lucros dos bilionários que são o motor da estrutura capitalista de exploração e que tem como uma de suas ferramentas principais a opressão contra minorias políticas.

Nessa tentativa de domesticação de pautas revolucionárias, podemos constatar o aumento da representatividade em filmes, séries, novelas e programas que, por mais que possam desempenhar um papel importante de identificação, ainda

assim, costumam retratar um estereótipo que reproduz discursos que mais atrapalham do que organizam nossa indignação. Esse é o caso da Globo e do BBB, ao apresentar figuras negras problemáticas e controversas em um dos maiores programas do país.

A juventude, portanto, não deve se isentar desse debate. É necessário que façamos a disputa nas redes e nas ruas, reforçando qual o verdadeiro papel da militância e dos movimentos sociais. Fortalecer a narrativa a favor dos povos explorados e oprimidos do mundo significa subverter a imagem e o estereótipo que tentam nos vender a respeito de nossas próprias identidades. Não nos resumimos a um programa de TV, da mesma forma como não nos resumimos às violências que atravessam nossos corpos. Assim, podemos promover uma escalada da indignação de nossas comunidades e reconhecer as amarras que nos impuseram para, então, atingirmos um estado de revolta social que coloque a dignidade de nossas vidas na ordem do dia.



AS ROSAS DA RESISTÊNCIA NASCEM DO ASFALTO: DERROTAR BOLSONARO E CONSTRUIR O PODER DOS DE BAIXO. JUSTIÇA PARA MARIELLE!

Por

Tarsila Amoras (DCE UFPA)

3 anos sem Marielle Franco. Aquela que driblou as estatísticas impostas para uma menina preta da favela do Rio de Janeiro. A cria da Maré voou longe na geração que rompeu os muros das universidades e viu a política como ferramenta para a liberdade, porque a dor de conviver diariamente com a violência e o assassinato dos seus iguais, também meninos e meninas pretas, encontrou a necessidade de ser transformada em fúria organizada para derrotar o que coloca o genocídio preto como regra social.

A história da luta negra é de longa data porque se o racismo estrutura o sistema capitalista e tem a exploração e a opressão na sua coluna vertebral, nosso objetivo é a sua destruição e isso não é negociável. Não há como ser livre quando a nossa morte é combustível para a manutenção da vida de poucos, aqueles que decidem por nós e estão ocupando os cargos mais altos de poder no Estado. Marielle não aceitou as coisas como elas são e acreditou na mudança real e radical da sociedade com suas correntes que persistem.

O Socialismo e a Liberdade é o horizonte da luta contra as contínuas e as novas correntes,



porque no Brasil de Bolsonaro 75,5% dos homicídios são de pessoas pretas, as mulheres negras tem 64% de chance de serem vítimas de feminicídio, o desemprego entre os negros é 71% mais alto. São dados que impactam e que carregam nomes, histórias e lugares. É o Amarildo, o Anderson, a Claudia, a Dandara, sem deixar escapar a Agatha, o João Pedro, a Emily. Pessoas diferentes, de idades, sonhos e famílias únicas, mas que carregavam consigo a pele preta e o território marginalizado.

O assassinato de Marielle naquele 14 de março de 2018 em nem um momento foi esquecido. Os movimentos sociais, populares, de bairro, o movimento negro, feminista, LGBTI+, o PSOL, a esquerda brasileira, a Favela da Maré, as periferias do Brasil em uníssono afirmaram desde o seu primeiro minuto que foi uma execução política com o intuito de calar a voz da mulher negra que denunciava com coragem e força a violência policial e miliciana no Rio de Janeiro. Em um cenário de Crivella, Witzel, Pezão, Cabral e a política suja comandando, Marielle foi a representação da indignação que nasce dos de baixo e por isso incomodava. Exigimos saber quem mandou matar Marielle e por quê! Qual o envolvimento da família Bolsonaro com o Escritório do Crime e porque a demora na resolução do caso? As tentativas de nos calar são muitas em décadas de violência, utilizam de todas e das mais cruéis formas para isso, mas não tem como deter o levante negro e a primavera feminista que se fortalecem. Se os espaços de poder e a política são para eles a fortaleza para exercer a desumanidade, como Marielle nós os disputaremos e ocuparemos para mudar a ordem das coisas, com uma nova forma, construída pelas

mãos do povo, das mulheres negras, dos jovens, dos LGBTs. Esse é o PSOL, o principal partido que faz oposição ao Bolsonaro, onde as lutas se encontram e se impulsionam.

“As rosas da resistência nascem do asfalto”, foi o último discurso de Marielle e é daqui que seguimos. Pensavam que iam nos calar, mas fizeram com que nos encontrássemos, mais fortes e imparáveis. É preciso tomar partido porque a luta não espera, é hoje e agora.



**DERROTAR
BOLSONARO
HOJE É
SALVAR
VIDAS:**

**POR UM
MOVIMENTO
ESTUDANTIL
ATIVO E
COMBATIVO!**

Por

Bruno Zaidan (DCE UnB) e
Leticia Catu (DCE UFRN)

O movimento estudantil possui um papel histórico dentro da organização social brasileira em defesa dos direitos básicos da população, sendo linha de frente contra quaisquer tipos de repressão e autoritarismo. Em meio à crise que enfrentamos hoje, mais do que nunca, é necessário que as entidades estudantis atuem enquanto verdadeiras trincheiras de luta contra o governo de Jair Bolsonaro, com muita responsabilidade política, fortalecendo a construção pela base e apostando nas mobilizações em massa. É preciso ter em mente que os nossos desafios não podem esperar até 2022, quando supostamente através de mais uma eleição burguesa encontraremos todas as soluções para eles, pois derrotar Bolsonaro hoje é salvar vidas amanhã. A indignação do povo só cresce e nós devemos nos somar à ela. Já basta desse genocídio!

Nesse sentido, a direção majoritária da União Nacional dos Estudantes (UNE) e da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), que poderiam ganhar uma atuação mais relevante agora, vem demonstrando debilidades na construção de uma resposta nacional unificada às mais de 370 mil mortes por CO-

VID-19 e ao sucateamento generalizado da educação promovido pelo presidente do Brasil.

A luta da educação passa pela batalha por verbas para a assistência estudantil; da garantia do acesso às universidades; das reduções de mensalidade nas particulares; e do não retorno presencial enquanto não houver vacinação ampla. Essa luta seguirá sendo uma trincheira fundamental, coluna vertebral da resistência contra o projeto de Bolsonaro.

Em 20 de Março, a UNE organizou uma plenária com mais de 500 estudantes, que demonstrou a vontade das UEEs, DCEs e CAs do Brasil em dividir suas experiências e traçar estratégias coletivas de combate aos retrocessos. Mas, infelizmente, o espaço não foi catalisado pela direção para que pudesse se reverter em ações concretas. A aposta da entidade foi um único dia de luta,

no dia 30 de Março, e em uma campanha com um mote genérico “Vida, Pão, Vacina e Educação”, que não obteve sucesso em destravar as mobilizações do movimento estudantil universitário de maneira permanente e não aponta para o responsável pela situação em que estamos: o genocida Bolsonaro.

Por outro lado, temos como exemplo positivo da importância de organização dos estudantes nosso próprio Seminário Nacional do Movimento Estudantil, realizado nos dias 19 e 20 de fevereiro, onde contamos com mais de 800 inscritos, muitos militantes independentes, que tiveram seus primeiros contatos conosco através de um momento acolhedor, focado em encaminhamentos concretos e de muita troca política, que armou a luta contra os cortes da LOA. O manifesto aprovado neste seminário está disponível no site do Juntos!.

Mesmo em meio à crise e a saturação dos ambientes virtuais, a vontade de construir um mundo novo e livre de injustiças ainda existe para os estudantes e é nosso papel continuar a renovar nossos meios de comunicação, utilizando da criatividade para compensar as limitações impos-

tas pela conjuntura política atual do Brasil. Não existe espaço vazio na política, precisamos continuar nos movimentando em defesa da vida e da educação!

Construir uma jornada de lutas da educação

A aprovação da LOA 2021 colocou em alerta para uma crise de financiamento das universidades públicas. Enquanto o Congresso ampliou em muito a verba dos ministérios da Defesa e da Integração Regional (para pagar as emendas parlamentares usadas para comprar o voto na eleição de presidência da Câmara), vimos um corte massivo nos investimentos de saúde e educação. A Ciência e Tecnologia teve uma redução de 28,7% em relação a 2020, e a Educação, de 27%.

A assistência estudantil, que garante a permanência dos estudantes de baixa renda nas universidades, está sendo desmontada. Os cortes farão com que as universidades reduzam os números de bolsas e com isso tantos jovens das periferias que lutaram para entrar nesse espaço não tenham como se manter. Será preciso manter

uma batalha dupla, exigindo mais verbas para a educação e para a assistência no âmbito federal, e em âmbito local demandar que as reitorias coloquem a assistência estudantil no topo das prioridades.

Tivemos neste ano o ENEM mais desigual da história, com uma abstenção recorde que superou os 50%, submetendo os estudantes e seus familiares ao risco do contágio da COVID-19. Nas universidades privadas, a situação não é melhor. A evasão chegou a mais de 30%, com o sonho de um diploma ficando para trás. Muitos não conseguem mais arcar com mensalidades exorbitantes. Há toda uma geração de jovens que está sendo colocada para fora do ensino superior brasileiro, seja os que já estão nelas, seja os que estão sendo barrados pelos sistemas injustos de seleção.

A luta da educação passa pela batalha por verbas para a assistência estudantil; da garantia do acesso às universidades; das reduções de mensalidade nas particulares; e do não retorno presencial enquanto não houver vacinação ampla. Além das mobilizações contra as intervenções nas reitorias, que também tem tomado o país, com algu-

mas vitórias, como no caso do IFRN. Essa luta diz respeito à democracia e autonomia universitária, contra os arroubos autoritários de Bolsonaro, que busca ao mesmo tempo estrangular as universidades para dificultar seu funcionamento, e intervir para que suas reitorias estejam alinhadas politicamente com o governo. Esses são os pilares do projeto de desmonte da educação pública em curso no nosso país.

A luta da educação seguirá sendo uma trincheira fundamental, coluna vertebral da resistência contra o projeto de Bolsonaro. As entidades estudantis precisam estar à altura dos desafios e colocar todo o seu peso para mobilizar os estudantes de forma permanente nas universidades e nas escolas.

O movimento estudantil deve construir uma verdadeira jornada de lutas que coloque na ordem do dia o impeachment urgente de Bolsonaro, a exemplo da ação promovida pelo CADI-UNB e XI de Agosto em 31 de Abril, com protocolo de mais de 40 pedidos de impeachment simultaneamente; bem como a defesa da educação pública, gratuita e de qualidade. A nossa luta é agora!

AMÉRICA LATINA, NOSSA BANDEIRA DA ESPERANÇA

Por

Fabiana Amorim (Diretora
da UNE) e Theo Louzada
(Diretor UEE-RJ)

O movimento estudantil possui Uma ex-presidente golpista presa na Bolívia, um parlamento equatoriano com 2/3 dos parlamentares eleitos de esquerda, um verdadeiro levante popular paraguaio que está abalando as estruturas do país contra um governo que não garante vacina e direitos básicos durante a pandemia, uma rebelião contra o presidente que se arrasta no Haiti e uma primavera feminista imparável perpassando Chile, Argentina e México. Em um momento onde a pandemia do Brasil chega a níveis alarmantes e ainda não temos nenhum movimento de massas articulado, essas notícias parecem distantes para nós. Mas o que está acontecendo na nos países vizinhos não pode ser visto como uma realidade paralela - mostra algumas das possibilidades que estão abertas e dos caminhos que podem ser seguidos nas disputas que estamos vivendo por aqui. Por isso precisamos nos conectar com o que está acontecendo na América Latina.

Desde 2019, nosso continente passa por um período de turbulências. Os levantes dos indígenas no Equador, contra a política neoliberal de Lenin Moreno e do povo chileno por uma nova constituição, trouxeram mobili-

zações massivas dos latinos americanos como não se via há alguns anos. No mesmo ano se consolidou um golpe da Bolívia, organizado pela extrema direita do país com aval dos militares, que colocou Jeanine Añez como presidenta interina. As mobilizações contra o golpe bolivariano foram a marca do fim de 2019 e do começo de 2020, chegando, enfim, à uma vitória eleitoral do MAS e uma derrota da extrema direita como projeto político no país. Em março deste ano, Jeanine se escondia dentro de uma cama, tentando evitar sua prisão.

Esses exemplos de lutas populares têm reverberado e construído pontes em todo continente. Novos atores políticos latino americanos têm surgido à esquerda, colocando a América Latina em um momento destacado em todo mundo. Nas eleições equatorianas o partido indigenista Pachakutik tornou-se um partido de uma intervenção com outra qualidade no país, muito por representar o acúmulo das mobilizações de 2019 - seu candidato Yaku Pérez quase chegou ao segundo turno, tendo possíveis fraudes impedido sua participação nessa disputa. As eleições de primeiro turno no Peru também demonstraram

um espaço para uma esquerda radical que busque saídas de fundo. Pedro Castillo, um professor que liderou uma imensa greve de educadores, vai disputar com a filha do ex ditador Fujimori.

Compreender esses exemplos é importante. O Brasil e seus movimentos sociais muitas vezes olha para si mesmo como algo isolado no continente. Mas a verdade é que essas experiências latino americanas mostram que existe espaço - tanto para o combate à extrema direita e do bolsonarismo, como para que se apresente uma nova alternativa política no país.

O exemplo do Paraguai, por isso, é muito importante. O presidente do Partido Colorado (que está há 70 anos quase ininterruptos no poder!) Mario Abdo, aliado de Bolsonaro, tem tido uma gestão da pandemia muito próxima ao seu aliado brasileiro. Seu governo tem sido marcado pela corrupção na saúde, falta de um plano de vacinação e lotação dos UTIs. Por conta disso, um levante tomou o país exigindo o Impeachment do presidente e um plano de vacinação. Apesar do refluxo atual, por conta da chegada da nova cepa do coronavírus, o exemplo paraguaio

mostra a possibilidade de indignação do povo nesse momento da pandemia.

O cenário internacional é bastante dinâmico, em que o norte global busca a retomada das atividades econômicas com determinada garantia na corrida pela vacinação buscando lidar com a crise iminente, enquanto no sul global há verdadeiras revoltas populares pela ausência de enfrentamento real à pandemia. Temos um Governo genocida no Brasil. A média de mortes ultrapassa 3000 por dia. O peso que isso tem em nossas vidas é intolerável. Mas se tem algo que a América Latina tem dado como mensagem é que existe espaço para termos esperança. A realidade que vivemos pode ser mudada - assim como foi derrotado o golpe bolivariano e assim como os paraguaios mostraram o caminho em seu país.

Por isso precisamos dar uma resposta ao absurdo que é o Governo Bolsonaro. Não somente em 2022, mas agora. Bolsonaro é um genocida e tem que ser responsabilizado. Derrotar Bolsonaro não será uma vitória apenas do povo brasileiro, mas de todos os povos que estão em luta no continente contra o neoliberalismo e a extrema direita.

Por isso temos que seguir em um plano de luta e de desgastes desse governo, aproveitando sua baixa popularidade e tendo iniciativas concretas de uma mobilização permanente - desde movimentações como faixas, lambes e ações simbólicas nesse momento auge da pandemia, até atuações mais amplas na rua, assim que for possível, como foram feitos nos atos dos entregadores e antirracistas.

Mas além disso, temos que apostar em uma alternativa que surja daqueles que estejam enfrentando Bolsonaro desde já. Nas eleições, vamos topa estar com todo e qualquer um que vá contra o presidente genocida, em especial no segundo turno. Mas nossas expectativas e nossa construção não podem ignorar a necessidade de um programa de fato dos trabalhadores, combinado com a estratégia da mobilização e auto organização do povo. A experiência latino-americana demonstra - é tempo do surgimento de uma nova esquerda, vinda das ruas, buscando saídas de fundo que enfrentam os interesses dos que sempre tomaram conta da nossa política e nossa economia, usurpando nossa soberania e fazendo ainda necessário no século XXI uma segunda e defini-

tiva independência latinoamericana. É preciso enxergar além da nossa fronteira. É preciso também fazer essa aposta no Brasil.



O PARTIDO E A ESPONTANEIDADE DAS MASSAS EM ROSA LUXEMBURGO

Por

Patrick Veiga
(estudante UFRGS)

organizacionais e táticas, não estratégicas. Rosa nunca negou a importância do partido revolucionário como a vanguarda mais consciente do proletariado. Paul Frölich foi certo ao afirmar que não existe nada que indique a suposta mitologia da espontaneidade de Rosa Luxemburgo e que essa teoria é o próprio mito, fabricado para fins políticos específicos.

Para encerrar, uma citação extraída do texto “O blanquismo e a social democracia” que demonstra qual a concepção da relação entre o partido e as massas em Rosa Luxemburgo: Os blanquistas se esforçaram por arrastar as massas e nós, os social-democratas, hoje praticamente somos tocados para a frente pelas massas. É uma grande diferença, tanto quanto entre o remador que move o barco com muito esforço contra a correnteza e aquele que comanda um barco arrastado pela própria correnteza; o primeiro pode perder a força antes de atingir a meta, o outro só precisa atentar para que o barco não perca a direção, se estilhaçando contra os rochedos ou batendo em um banco de areia.

No ano em que celebramos os 150 anos do nascimento de Rosa

Luxemburgo é necessário chamar todos e todas que lutam pela superação do capitalismo ao estudo da vida do pensamento dessa que é, sem dúvidas, uma das maiores revolucionárias da história do socialismo.



PARA CONHECER MAIS DE ROSA LUXEMBURGO:

No aniversário de 150 anos do nascimento de Rosa Luxemburgo, a Escola Marx - escola de formação política Marxista, preparou um curso sobre o panorama da vida e das obras dessa revolucionária, teórica e dirigente política, pela atualidade de suas contribuições! Está disponível em 7 aulas no Canal da Revista Movimento no YouTube .

YouTube /REVISTAMOVIMENTOTV

JUNTOS ENTREVISTA!

A LUTA DOS ENTREGADORES

Com
Ralf MT

O Juntos entrevistou nesta edição o youtuber e entregador do Rio de Janeiro, Ralf MT, que constrói o Breque dos Apps, para falar sobre a luta dos entregadores na pandemia.

Jornal do Juntos!: O movimento do Breque se destacou como uma luta central no país, colocando milhares de entregadores em movimento. Como tem sido a organização dos entregadores desde então?

Ralf MT: A gente tem se organizado por grupos de WhatsApp - tanto das pessoas que foram rotuladas como lideranças nacionais quanto grupos mais amplos dos Breques. Tínhamos marcado um Breque para março, já tinha data e tudo, mas com o aumento da gasolina trocamos a luta e demos foco na mobilização contra o aumento. Agora estamos voltando a debater os breques, porque os valores continuam baixos, não tem reajuste e vamos lutar até ser escutados.



Jornal do Juntos!: Em fevereiro houve um ato muito forte contra o aumento da gasolina. O que motivou essa luta ser o foco?

Ralf MT: Então, já estava ruim fazer entrega, porque o valor não bate. Não tem reajuste, os valores têm diminuído e agora, com a gasolina aumentando o valor fica mais inviável ainda pra fazer a entrega. Por isso, seguramos o Breque para focar na luta sobre a gasolina. Tem entrega que ganhamos R\$ 3,65 e a gasolina tá 6 reais. Não tá viável.

Jornal do Juntos!: Alguns projetos que foram apresentados em defesa de direitos básicos dos entregadores, como a obrigação dos aplicativos de garantir banheiro e espaços de descanso pros trabalhadores estão sendo debatidos, tanto no DF, por um PL do Fábio Félix, quanto no Rio, como está esse debate na cate-

goria?

Ralf MT: É o PL 103/2021. Não é o que o entregador mais quer na face da terra - o que a gente mais quer é um valor justo, um seguro acidente e tudo mais. Mas as pessoas que tenho debatido o projeto têm apoiado. É uma PL de pontos de apoio, mas temos a demanda que, eles existindo, não se diminua os valores de entregas. Mas ainda fica a pergunta de quem vai fiscalizar isso. Existe apoio dos entregadores, mas não de todos, ainda existem certas dúvidas porque não temos ainda um órgão para fazer essa fiscalização. É um PL que veio para ajudar os trabalhadores, mas ainda não temos 100% de certeza de como garantir que ela possa beneficiar os entregadores e não diminuir as taxas.

Jornal do Juntos!: Por fim, queríamos saber como os apoiadores da causa dos entregadores e a juventude em geral pode ajudar na luta?

Ralf MT: Principalmente quando tiver manifestação ir o máximo de pessoas possíveis. Ir mil pessoas, mais de mil pessoas, mas o importante é que quanto mais transtorno do bem a gente levar pra rua, mais a gente existe.



VEM AÍ

10 ANOS
JUNTOS